



A IRA DE DEUS: UM ESTUDO TEOLÓGICO DA JUSTIÇA DIVINA

ÉRICO TADEU XAVIER¹
DAVID BARCELOS HERNANDES DA SILVA²

Resumo: O objetivo deste trabalho é traçar articulações sobre a natureza da ira divina em contraste com a ira humana, representando um meio de salvação ao pecador arrependido. A pesquisa, de natureza exploratória e bibliográfica, envolve a busca sobre o tema em vários teólogos, principalmente da área sistemática. A partir das considerações desses teólogos, este trabalho traz uma definição do que é a ira divina e faz articulações sobre qual seria a natureza dessa ira e como a mesma pode ser contrastada com a ira humana. Preocupa-se ainda em descrever a manifestação da ira de Deus contra o pecado que envolve o plano da redenção no aspecto presente e escatológico. Conclui-se que a ira de Deus se manifesta contra todo tipo de impiedade, permanecendo imparcial e justa, diferente da ira humana, que geralmente é partidária e egoísta, prestando-se a um objetivo maior de revelar a aversão de Deus face ao pecado e conduzir as pessoas ao arrependimento em Jesus Cristo, em conformidade com Sua justiça, Sua lei e Seu caráter.

Palavras-chaves: Ira. Deus. Juízo. Justiça. Pecado. Pecador.

THE WRATH OF GOD: A THEOLOGICAL STUDY OF DIVINE JUSTICE

Abstract: God's character, according to the scriptures, manifests itself through two facets: mercy and justice, which has sometimes been revealed through wrath. The aim of this work is to draw articulations on the nature of divine wrath in contrast to human wrath, representing a means of salvation for the repentant sinner. The research, of exploratory and bibliographic nature, involves the search on the subject in several theologians, mainly in the systematic area.

¹ Doutor em Teologia e Professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: etxacademico@gmail.com.

² Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: davidben1995@hotmail.com.

Based on the considerations of these theologians, this work provides a definition of what divine wrath is and articulates what the nature of that wrath would be and how it can be contrasted with human wrath. It is also concerned with describing the manifestation of God's wrath against sin that involves the plan of redemption in the present and eschatological aspect. It concludes that the wrath of God is manifested against all kinds of impiety, remaining impartial and just, different from human wrath, which is generally partisan and selfish, lending itself to a greater objective of revealing God's aversion to sin and lead people to repentance in Jesus Christ, in accordance with His justice, His law, and His character.

Keywords: Wrath. God. Judgement. Sin. Sinner.

1. Introdução

O caráter de Deus, de acordo com as escrituras, se manifesta através de duas facetas: misericórdia e justiça, que, por vezes, tem se revelado através da ira. Diferentemente da ira humana, a ira divina se apresenta como uma manifestação contra o pecado, sendo, portanto, inerente ao plano de redenção no aspecto presente e escatológico.

O estudo, de natureza exploratória e bibliográfica, envolve a busca sobre o tema em vários teólogos, principalmente da área sistemática.

Ao traçar a definição da ira divina em contraste com a ira humana, pretende-se contribuir significativamente para a melhor compreensão do caráter do Deus bíblico, principalmente no contexto social e eclesiológico hodierno onde pouco se ensina ou, raramente, o tema é mencionado. Nesse sentido, este artigo é indicado para os estudantes da Bíblia que buscam ter uma visão mais holística sobre a pessoa de Deus.

2. A Ira Divina e sua Manifestação como Justiça e Misericórdia

2.1. Etimologia

Como é de conhecimento geral, a Bíblia foi escrita em três línguas, hebraico, aramaico e grego. Contudo, palavras que denotam o sentido de ira só aparecem em hebraico ou grego.

Segundo Reis (2017, p. 17) as expressões hebraicas utilizadas para descrever a ira de Deus são basicamente as seguintes: “*ânaf, ‘af; chêmâh, chârâh, chârôn; kâ’as; qâtsaf, qêtsef; bâ’ar, ‘ebhrah; râgaz, rôgez; zâ’am, za’am; zâ’af, za’af, za’êf e zal’âfâh; e rûach.*” Esses “termos transmitem a ideia de impaciência, desgosto, irritação, ira, indignação, extermínio” (REIS, 2017, p. 8), entre outros. Em sua maioria são usadas para Deus, mas também são usadas para descrever a ira humana. Nenhuma delas tem um significado teológico especial, pelo contrário, “[...] o uso paralelo desses termos em um mesmo versículo ou perícopo demonstra que eles têm significado semelhante.” (BALOIAN, 1992, apud REIS, 2017, p. 9). Já as palavras em grego são mais específicas e com significados diferentes. Reis (2017) cita duas palavras, a saber *orge* e *thumos*.

Segundo Vine, Unger e White Junior (2010), *orge* designa uma expressão de ira onde a mente está num estado controlável e calmo. Geralmente ele é usado quando existe uma intenção de vingança. “Originalmente ela significa ‘impulso, disposição natural’. Com o tempo, ganhou o significado de “raiva” (p. 922). Esta palavra é usada no contexto bíblico tanto para descrever a ira humana (Ef. 4:31; Tg 1:19,20) como a ira de Deus (Mc 3:5; Hb 3:11 e 4:3; Rm 9:22; Jo 3:36; 1Ts 2:16).

Reis (2017, p. 9) acrescenta que *orge* é menos súbita que *thumos* em seu aparecimento; porém, mais duradoura.” Barnhouse (1959, apud REIS, 2017, p. 9) explica que *orge* “traz a ideia de uma indignação que aumenta gradualmente até se tornar mais consistente”. Reis (2017) também destaca que quando esse termo for aplicado para Deus deve ser separado de toda semelhança com a ira humana.

Já o dicionário VINE acrescenta outra palavra: *parorgismos*. Esta “é uma forma fortalecida de *orge*” e “sua única aparição como substantivo é em Efésios 4:26 e indica um estado menos continuado do que *orge*” (VINE, UNGER, WHITE JR., 2010, p. 922).

A expressão *thumos* significa “raiva ardente, paixão” (VINE, UNGER, WHITE JR., 2010, p. 723). Esse termo designa uma explosão de sentimentos interiores originada de um evento exterior. Como *orge* essa palavra pode aparecer em casos de vingança. É uma expressão usada para indicar um sentimento que “se inflama depressa e logo se amaina, embora isso não esteja necessariamente implicado em cada caso” (p. 922).

Quando designada para Deus, aparece oito vezes. Sete delas, no Apocalipse; e uma, em Romanos. E todas as vezes carrega “um sentido escatológico, uma referência à cólera divina que incidirá no final da história humana sobre o pecador contumaz” (REIS, 2017, p. 9).

2.2. Ira Divina versus Ira Humana

De acordo com a narrativa bíblica o homem perdeu o contado direto com Deus devido ao pecado (Is 59:2). Deus não pode mais se revelar de forma visível, e então se fez necessário outra forma de revelação. A Bíblia é uma das maneiras de Deus se revelar. Contudo, para que o homem pudesse compreendê-lo, Ele precisou falar na nossa linguagem. Biblicamente chamamos isso de antropomorfismo e antropopatia. O primeiro é a atribuição de formas físicas humanas a Deus, e o segundo é a atribuição dos sentimentos e emoções do ser humano a Deus (PFEIFFER; VOS; REA, 2017). Isso não significa que Deus tenha a mesma forma física do homem ou a mesma natureza de sentimentos que a nossa (REIS, 2017).

O amor humano, por exemplo, por mais genuíno que seja, é naturalmente egoísta e orgulhoso. Não há amor por alguém sem a retribuição desse amor. Ninguém entra num matrimônio apenas para fazer a outra pessoa feliz, mas porque também vê que pode ser feliz com a outra pessoa. E mesmo que, com a ajuda de Deus, o homem chegue ao ponto de amar o próximo como a si mesmo, nunca o amará como Deus o ama. Com a ira não é diferente. A ira humana é volátil, nem sempre justificável, e na maioria das vezes partidária. Quando irado, o ser humano dificilmente pondera as atitudes e consequências, e, muito menos, o melhor para com aquele(a) que é o objeto de sua ira.

Como exemplo disso, temos Jonas com sua ira acendida depois que sua missão em Nínive havia terminado (Jn 4:1-11). Foi a ira de Caím que o levou a matar seu irmão Abel (Gn 4:5,8), e que quase levou Saul a matar Davi e seu próprio filho Jônatas (1Sm 18:11; 19:10; 20:30-34).

A ira está classificada por Paulo como “obra da carne”, em Gl 5:19-21, juntamente com idolatria, bebedeiras, espiritismo e outras coisas, e o texto deixa claro que quem as pratica não entrará no reino dos céus. O motivo disso é óbvio. A ira não faz parte do fruto do Espírito e, nas palavras de Tiago, “[...] a ira do homem não opera a justiça de Deus” (Tg 1:20).

Paulo, ao aconselhar Tito, adverte os presbíteros a não serem irascíveis (Tt 1:7), e apela também para que os efésios fiquem “longe de toda amargura, cólera e ira” (Ef 4:31,32), pois o próprio Deus os havia perdoado dos seus pecados e assim eles deveriam agir também com as demais pessoas. Mas, “quem se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5:22), arranjando dessa maneira “um laço para alma” (Pv 22:24, 25).

Não é difícil notar que, na grande maioria das vezes, nossa ira vai contra tudo que o reino de Deus representa. Talvez seja por isso que tantas pessoas não admitem a ideia de um Deus irado. Como disse Bruce (1986, p. 231):

Se se pensa que a palavra não é mais apropriada para usar-se com relação a Deus, é provavelmente porque a ira como a conhecemos na vida humana, constantemente envolve paixão egocêntrica, pecaminosa. Com Deus não é assim.

Portanto, não podemos comparar a ira de Deus com a nossa ira. Nossa ira geralmente procura satisfação própria de justiça. Justiça essa que, na maioria das vezes, não tem suas pressuposições enraizadas na concepção de justiça do reino de Deus. Por outro lado, a ira de Deus é naturalmente diferente e se manifesta de maneira diferente:

A ira de Deus não indica alguma forma de emoção humana, que perturbe o equilíbrio emocional das pessoas e as torne desejosas de ferir às outras, em forma de ações maldosamente planejadas, conforme a ira humana geralmente obriga as suas vítimas a fazerem (CHAMPLIN, 2002, p. 576).

Mas, então, por que Deus se ira? Sua ira não contradiz seu amor? E ainda: qual é a natureza de sua ira?

Shedd (1978, p. 753) define a ira de Deus como “a atitude permanente do Deus santo e justo, quando confrontado pelo pecado e pelo mal”. Ele classifica a ira de Deus como uma característica pertencente ao Seu caráter, sem a qual Ele deixaria de ser completamente justo e seu amor degeneraria em sentimentalismo. Grudem (2015, p.151) concorda com Shedd ao dizer que a ira é um atributo comunicável de Deus “que expressa seu ódio por tudo que confronta seu caráter moral. Portanto, sua ira está intimamente associada à sua santidade e justiça”.

Nessa perspectiva, Deus não pode ser justo se não aborrecer a maldade e a injustiça. E se fosse, Ele seria um Deus romântico, na melhor das hipóteses, como naqueles romances de início de um relacionamento onde os erros são ignorados pois a paixão encobre tudo. Mas Deus não é assim. Sua ira não é uma ficção ou brincadeira (Martin Luther, 1549 apud GEISLER, 2003). As pessoas que ficaram de fora da arca de Noé e os habitantes de Sodoma e Gomorra entenderam isso bem.

E apesar de, às vezes, a ira divina parecer severa, ela sempre é “‘justificada’ e ‘imparcial’ [...] governada pelo seu amor à justiça [...] e não proveniente de um capricho momentâneo a ser posteriormente lamentada” (ESTUDO, 1991, p. 417-418).

Em palavras mais simples, Deus não age de forma parcial, irracional e impulsiva. Todos os seus atos, sejam bênçãos ou punições, são temperados com amor.

Canale (2012, p. 127) declara que:

[...] o conceito bíblico da ira de Deus não é contraditório nem incompatível com Sua natureza. Visto que Deus é amor, Seu objetivo é salvar todos os seres humanos. Paulo expôs com precisão esse fato básico da teologia cristã em uma afirmação concisa: ‘Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo’ (1 Ts 5:9).

O que os autores acima querem dizer é que ira e amor coexistem em Deus. Contudo, o amor é uma intenção de Deus enquanto a ira é uma resposta ao pecado humano. Assim como um dos reflexos do amor é a misericórdia e o perdão, um dos reflexos da justiça é a ira e a punição. Porém, tanto ao amar quanto ao punir Deus é justo:

[...] no Novo Testamento os homens não ouvem qualquer choque entre a ira divina e a longanimidade divina; pelo contrário, ficam certos tanto da bondade quanto da severidade de Deus; certos de que a sua severidade faz parte da Sua bondade, e que, se essa severidade estivesse ausente, ele não seria bom, porquanto os alicerces morais do mundo se desequilibrariam e entrariam em colapso (GOSSIP apud APOLINÁRIO, 1990, p. 368).

Muitos também dizem que Deus ama o pecador e odeia o pecado. E isso é verdade. Mas por que não considerar que Deus pode ficar irado com o pecador e, ao mesmo tempo, amá-lo? Ao mesmo tempo em que Ele é capaz de dar a vida pelo pecador, ele pode ficar irado com este por causa das suas escolhas erradas. Washer (2012, p. 40) chega a dizer que “Deus odeia o pecado e os pecadores”. Para isso ele se baseia em Sl 5:5, onde diz que Deus aborrece todos que praticam a iniquidade.

A diferença é que a ira de Deus pelo pecador não é uma constante assim como seu amor. Ela não é uma “expressão da sua vontade, mas uma necessidade de sua natureza” (CAMPOS, 2012, p. 350). Ela é “despertada” conforme o pecador insista em pecar. Tanto que o verso diz que Deus aborrece aqueles que praticam a iniquidade. Diferente daqueles que aceitaram a Cristo e seu perdão. Por isso Deus é amor (1Jo 4:8) e não ira. Sobre si mesmo, Deus declara em Is 24:7: “Não há indignação em mim”.

Sobre isso Ellen White (2007a, p. 62) escreveu:

A ira de Deus não é declarada contra os pecadores impenitentes, apenas por causa dos pecados por eles cometidos, mas porque, quando chamados a arrepender-se escolhem continuar em resistência, repetindo os pecados do passado em desafio a luz que lhes é dada.

Diferente do ser humano que deposita sua ira na pessoa específica que o prejudicou de alguma forma, Deus deposita Sua ira sobre o pecador. A ira de Deus não está no pecador, mas sobre o pecador. Com isso podemos dizer que Deus não se ira porque eu sou um pecador, mas porque eu escolho pecar. O objeto da ira de Deus sou eu enquanto escolho pecar e minhas escolhas e motivações pecaminosas e não o meu eu em si, quem eu sou em natureza e essência (Rm 1:18). E isso só ocorre porque em Jesus, independente da minha natureza, posso ser perfeito (Mt 5:48), mas deliberadamente escolho pecar. O objeto da ira de Deus é o pecado e o pecador impenitente.

Apolinário (1990, p. 367) concorda com esse argumento:

Não há nenhuma discrepância nos versos que apresentam a Deus como cheio de bondade a amor com aqueles que revelam sua ira contra o pecado e os pecadores que ansiosamente O rejeitam. O amor requer julgamento. A severidade divina é sempre manifestação do amor.

É por isso que, por causa da cruz, a justiça divina está sobre mim e não em mim. Pois, uma vez que meus pecados e conseqüentemente a ira de Deus estavam na cruz sobre Jesus e não em Jesus, o lugar que o pecado ocupava em mim (sobre) ficou vago, e a justiça de Jesus assumiu essa posição. Portanto, a ira é uma manifestação da justiça de Deus, é um “[...] um ato que flui de Sua imutável justiça” (GEISLER, 2003, p. 397, tradução nossa).

Contudo, ela é circunstancial, manifestando-se contra a presença do pecado. Logo, na eternidade, ela não necessitará atuar (REIS, 2017). A justiça divina sempre existirá, inclusive na eternidade, como também Seu amor. Mas, essa face da justiça divina, a ira, não mais atuará, pois pecado e pecadores não mais existirão (WHITE, 2018). Mas até lá, por nos amar e ser justo, Deus nos corrige e castiga.

Depois de esclarecer a natureza da ira divina e humana, podemos dizer que existe uma situação onde elas podem concordar. Ou seja, há uma situação onde a ira humana pode ser justificável, como em Êx 11:8; 32:19 e 2Sm 12:1-6. Nessas e em outras passagens, se percebe que o motivo da ira é justo e baseado em princípios. Apolinário (1990, p. 363), ao comentar sobre isso, diz assim:

Quando odiamos a injustiça, o erro, o pecado e discernimos, com isso, o bem do mal, o certo do errado, a virtude do relaxamento, esse ódio se transfigura e se redime. É a santa ira. Desta santa ira o próprio Jesus nos deu o exemplo, como se vê na sua maneira de falar sobre os fariseus e no seu comportamento no templo. Estas atitudes estão relatadas em Marcos 3:5 e Mat. 21:12.

White (2011, p. 516, 517) acrescenta:

É verdade que há uma indignação justificável, mesmo nos seguidores de Cristo. Quando veem que Deus é desonrado, e Seu serviço exposto ao descrédito; quando veem o inocente oprimido, uma justa indignação agita a alma. Tal ira, nascida da sensibilidade moral, não é pecado.

Portanto, existem situações onde a ira humana pode ser justificada e até bem-vinda. Mas, na maioria das vezes, ela é egoísta e maldosa. Por outro lado, a ira de Deus é revelada como resposta ao pecado persistente, se manifestando em punições permissíveis ou manipuladas, representando assim Sua justiça e justificando Seu amor.

2.2. A Manifestação da Ira Divina Contra o Pecado

Na perspectiva bíblica, a ira de Deus se manifesta quando um pecador não responde ao chamado de arrependimento e escolhe, sistematicamente, rejeitar ao seu Criador e Redentor. Logo, não podemos argumentar que Deus é injusto ou maldoso ao manifestar sua ira, como explica Xavier (2018, p. 46):

Alguns ficam perturbados com o pensamento de um Deus de ira e punição. Argumentam que é contrário à Sua natureza executar juízos ou castigos. No entanto, o apóstolo Paulo diz claramente na epístola aos Hebreus que, como o pai corrige o seu filho que ama, Deus também corrige aos que ama e considera seus filhos (Hb 12:4-11). Isto significa que Ele castiga. No entanto, o castigo de Deus é uma consequência de nosso pecado (Rm 1 e 2). Não se origina em Deus (Tg 1:13). A necessidade de castigo se origina em nós, em nosso pecado, em nossa desobediência, em nossa dificuldade para atender às coisas de Deus. Deus é amor e misericórdia (1 Jo 4:8), mas também é justiça (Sl 89:14), e a Sua justiça pode por vezes manifestar-se em juízo punitivo contra o pecado e a transgressão.

Basicamente, existem duas formas de Deus exercer juízo. A primeira forma é a que chamamos de *natural*. Nesta, Deus apenas permite que o homem sofra as consequências de suas escolhas. Como exemplo, vamos analisar Rm 1:24-32. Os versículos anteriores a essa passagem dizem que Deus se irou contra os homens, pois estes, mesmo tendo o conhecimento de Deus, escolheram continuar na prática do pecado (v. 18-23). A ira de Deus e sua consequente punição se manifestaram de uma maneira muito interessante. A punição a qual Deus os sentenciou foi a concessão da liberdade - a liberdade fora dos planos de Deus.

O verbo que Paulo usa três vezes para expressar isso é *παρέδωκεν* (SCHOLZ, 2004, p. 567-569), palavra derivada de *didomi* ou *paradidomi* (MOUNCE, 2012, p. 467-468), que indica “permissão” ou “entregar nas mãos - entregar alguém ao domínio ou controle de outros”

(LOUW; NIDA, 2013, p. 149, 422). Neste caso, Deus estaria permitindo ao homem viver como bem quer, ou ainda o entregando a si mesmo e às consequências de sua vida longe de Deus. A ideia que se transmite é que Deus se abstém do cuidado com essas pessoas e as deixa por conta própria.

Outros comentaristas defendem que esse abandono de Deus não é apenas permissivo, mas também punitivo. MacArthur (2002, p. 129,130, tradução nossa) diz que o verbo *paradidomi* é tão intenso que foi usado em um sentido jurídico. Ou seja, além de retirar do homem sua proteção “permitindo que as consequências do pecado sigam seu curso inevitável e destrutivo”, o homem, ao ser abandonado por Deus, está sentenciado a morte eterna. Logo, o verbo assume dois significados: o de permissão e punição, revelando Deus como um sujeito passivo e ativo ao mesmo tempo.

Assim, Deus entrega esses homens a “imundícia, as paixões infames e a uma disposição mental reprovável” (v. 24-28). O que naturalmente esperaríamos desses homens após eles terem consciência disso é que se arrependessem. Mas não é assim que o capítulo termina: “Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, como também aprovam os que assim procedem” (Rm 1:32).

No entanto, no momento em que houver arrependimento por parte do pecador, Deus cessa seu juízo e concede sua graça e perdão: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1Jo 2:1-2). As consequências do pecado podem até vir, mas a restauração é garantida.

A segunda forma que Deus exerce Seu juízo, e também a mais interessante, é quando Deus manipula a punição. No Antigo testamento, de modo especial, encontramos diversos exemplos. No dilúvio (Gn 6:1-9:28) Deus reiniciou a terra praticamente do zero. Em Números 16, vemos a terra se abrindo e engolindo Corá, Datã e Abirão. Em Gênesis 19, vemos a destruição de Sodoma e Gomorra. Em Êxodo 7:1-12, vemos as dez pragas caindo sobre o Egito. Miriã e Arão também sofreram uma punição divina (Nm 12:9,10). Em 1 Crônicas 13, Deus puniu Uzá porque este tocou na arca. E, talvez, o maior exemplo do juízo divino no AT seja as punições e, por fim, o exílio de Israel descritos em Dt 28:15-68.

Mas no Novo Testamento também existem casos de Deus executando sua ira em juízo. Ananias e Safira morrem por terem mentido (At 5:1-11), e talvez o caso mais curioso seja quando Deus exerce sua ira sobre Jesus. Isso pode parecer estranho. Mas se pensarmos que o objeto da ira de Deus é o pecado, e que Jesus carregou “sobre si as nossas enfermidades, dores, castigo”, e que “o Senhor fez cair sobre ele as nossas iniquidades” (Is 53:4-7), fica claro que Deus exerceu sua ira sobre Jesus. A ira de Deus não era contra a pessoa de Jesus, mas contra o pecado que estava sobre Ele. Nas palavras de White (2007b, p. 525): “Deus permitiu que Sua ira contra a transgressão caísse sobre Seu amado Filho. Devia ser crucificado pelos pecados dos homens”.

Esse é o evangelho que como cristãos devemos pregar. O nosso pecado foi colocado sobre Jesus para que a Sua justiça fosse imputada/colocada sobre nós. Assim a ira de Deus recaí sobre Jesus, enquanto sobre nós recaí o amor do Pai. “[...] Mas, o Filho de Deus, que em associação com o Pai criara o homem, podia fazer pelo homem uma expiação aceitável a Deus, dando Sua vida em sacrifício a arrostando a ira de Seu Pai” (WHITE, 2008, p. 48).

Apesar de Deus já ter executado Sua ira em muitas ocasiões no passado, ele ainda a executa hoje (Sl 7:11), e a executará num futuro não muito distante, visto que o pecado ainda existe em nosso planeta. Apocalipse 14:9-10 fala que aqueles que receberem a marca da besta beberão “[...] do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre [...]”.

Alguns versículos depois, João descreve as sete pragas que cairão sobre os ímpios. Sobre elas, Xavier (2018, p. 56) diz:

Em Apocalipse 15:1 o apóstolo João fala dos sete anjos que carregam as sete pragas que consomem a ira de Deus sobre a Terra. As últimas pragas, como a morte, são atos que, segundo o profeta Isaías, a estranha obra de Deus (Is 28:21). Atos de juízo. Novamente o juízo é um castigo. Mas não originado em Deus. É uma consequência de nossas faltas. O castigo e o juízo se originam em nós; se não cometêssemos nenhuma falta, se nunca tivéssemos pecado, Deus também nunca teria castigado. A morte do pecador não existiria. Mas a realidade é que o pecado existe em nós, somos desobedientes, somos tardos para aceitar os ensinamentos de Deus.

Apesar disso, a ira de Deus, enquanto não chega o fim, “é temperada com misericórdia” (APOLINÁRIO, 1990, p. 367). “Ele, porém, que é misericordioso, perdoa a iniquidade e não destrói; antes, muitas vezes desvia a sua ira e não dá largas a toda a sua indignação” (Sl 78:38), e ainda: “Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira” (Sl 30:5).

É certo que Deus está mais inclinado a perdoar e redimir do que a castigar e punir. Porém, a resposta divina depende da escolha humana. E, nesse aspecto, fica mais evidente o papel que a ira divina exerce na salvação da humanidade.

3. O Papel da Ira Divina no Plano da Redenção

A partir das informações expostas, entende-se que a ira de Deus exerce um papel constante no presente e atuará com maior força no futuro, quando tudo e todos estiverem julgados. Campos (2012, p. 357), classifica essas atuações da ira de Deus como “parciais” e “finais”.

Os juízos parciais de Deus ao longo da história são juízos de advertência (MAXWELL, 2012). Claro que o dilúvio, Sodoma e Gomorra e outros episódios exemplificam juízos de execução. Mas antes, Deus havia advertido as pessoas. E mesmo essas execuções servem de advertência e apontam para o grande dia do juízo final de Deus. Atos 17:30-31 diz: “[...] agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça”. Ou seja, as demonstrações de desagrado de Deus contra o pecado e os pecadores impenitentes são uma advertência e um chamado ao arrependimento e a uma vida de santidade.

Deus também exerce sua ira para demonstrar seu desagrado contra o pecado e os pecadores. “É como se ele fosse alérgico ao pecado e ao mal” (ERICKSON, 1997, p. 119), e então, castiga temporariamente os pecadores impenitentes. Esses castigos podem ser permissíveis ou diretamente enviados por Deus, como já visto anteriormente. Castigos permissíveis podem ser vistos, por exemplo, nas consequências desastrosas de desonrar os pais, adulterar, mentir, usar drogas etc. Como exemplos de castigos temporais e enviados diretamente de Deus, temos Acã, que desobedeceu a ordem de Deus e pegou despojos dos inimigos de Israel. Como consequência ele e sua família foram apedrejados e queimados (Js 7:24-25). E também Datã, Abirão e Coré que não se arrependeram da revolta ao governo de Moisés, e juntamente com seus seguidores foram engolidos pela terra (Nm 16:1-49).

Essas funções da ira divina na história apresentadas até aqui são traduzidas por Campos (2012, p. 360) de uma forma bem interessante: “Com relação a ira de Deus, Jesus exerce três papéis ao mesmo tempo. Um tem a ver consigo mesmo, outro tem a ver com os filhos de Deus e outro, ainda, com os ímpios”.

Com respeito a si mesmo e aos filhos de Deus, Jesus recebe essa ira no lugar daqueles que aceitam seu sacrifício de expiação e propiciação, poupando esses dessa ira. Essa “salvação inclui tanto o perdão e a purificação dos pecados, quanto a libertação da ira divina” (MALHEIROS, 2019, p. 26). Com respeito aos ímpios, Jesus é o aplicador da ira divina (At 17:31), tanto dos juízos parciais de Deus, quando do juízo final:

Finalmente a justiça de Deus será vista em sua disposição para com todas as suas criaturas no fim – a glória eterna para aqueles que, através da redenção, entraram em relacionamento com Ele que deu liberdade a Ele de operar para eles uma perfeita justiça de tudo o que seu infinito amor dispõe; por outro lado, uma reprovação eterna para aqueles que persistentemente o repudiam (CHAFER, 2013, p.228).

Por último, um dos papéis da ira divina é demonstrar a retidão e a justiça de Deus. Isso será visto de maneira especial no dia do juízo final: “Haverá tal revelação do caráter de cada pessoa ante todos os que a rodeiam, ou diante de todos que a conhecem, que a justiça de sentença de condenação ou absolvição será evidente” (HODGE, 2001, p. 1644). Pelo resto da eternidade não haverá dúvidas da justiça do julgamento divino e de sua própria pessoa. Agindo assim, Deus está “mantendo a justiça exigida pela Sua lei” (APOLINÁRIO, 1990, p. 368).

4. Considerações Finais

A partir das considerações feitas neste trabalho, podemos concluir que a ira de Deus se manifesta contra todo tipo de impiedade, permanecendo imparcial e justa, diferente da ira humana, que geralmente é partidária e egoísta. Apesar disso, a ira humana pode ser justificável quando ela também é contra o pecado - e nisso (motivo), ela é igual a de Deus.

O fato de Deus se irar não contradiz Sua natureza amorosa. Pelo contrário, como um Pai que ama seus filhos, Ele os corrige. Por vezes, Sua correção é deixar o homem livre para viver como quer, sem a influência do Espírito Santo. Quando Deus faz isso, Paulo diz que Ele os entregou a si mesmos e, então, todo o tipo de perversão se manifesta, culminando com a punição final: a morte eterna.

Em outras ocasiões, quando o pecado alcançou níveis elevadíssimos, Deus agiu de maneira direta, punindo com a morte o pecador rebelde. Durante a história podemos ver muitos destes casos. O Antigo Testamento, de forma especial, contém inúmeros relatos da ação direta de Deus em juízo. Já no Novo Testamento, as ocorrências são menores, mas é nele que se revela a maior manifestação da ira de Deus até o presente momento – a cruz. Nesse pedaço de madeira feito sob medida, a medida do meu e do seu pecado, a ira que era nossa, por direito concedido pela transgressão, é posta sobre o Filho, e a justiça d'Ele é imputada sobre nós. Por causa do Cordeiro morto e que vive, podemos ser libertos da ira divina. Mas para isso é necessário aceitar Seu sacrifício expiatório e propiciatório.

Por fim, ficou claro que as punições passadas e presentes de Deus são sempre por amor. Elas têm como propósito revelar a aversão de Deus face ao pecado e nos conduzir ao arrependimento em Jesus Cristo e assim nos redimir e compensar Sua justiça, exigida pela Sua lei e pelo Seu caráter. Além disso, elas são apenas parcelas de uma dívida que será cobrada no juízo final. Ou seja, esse dia, o dia do juízo final, não será dedicado para negociar a dívida. Esse tempo já terá passado. É um dia de cobrança e recompensa.

Referências

APOLINÁRIO, Pedro. **Explicações de Textos Difíceis da Bíblia**. 4 ed. São Paulo, SP: Editora Universitária Adventista, 1990.

BÍBLIA de Estudo Andrews. Almeida Revista e Atualizada. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

BRUCE, Frederick Fyvie. **Romanos: Introdução e Comentário**. 4 ed. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986.

CAMPOS, Heber, Carlos. **O Ser de Deus e os Seus Atributos**. 3 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CANALE, Fernando. Doutrina de Deus. In: DEDEREN, Raul (Ed). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. v. 9. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 127. (Série Logos)

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. v. 4. 3 ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo: Atos e Romanos**. v. 3. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2002.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ESTUDO Perspicaz das Escrituras. v. 2. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1991.

GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. v. 2. Mineapolis: BethannyHouse, 2003.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento: Baseado em Domínios Semânticos**. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACARTHUR, Jonh Fullerton. **Comentario MacArthur del Nuevo Testamento: Romanos: 1-8**. 5 ed. Grand Rapids: Portavoz, 2002.

MALHEIROS, Isaac. A propiciação da ira divina. **Ministério**, Tatuí, SP, ano 91, n. 545, p. 26-28, set-out/2019.

MAXWELL, Marvyn. **Uma Nova Era segundo as Profecias do Apocalipse**. 3 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

MOUNCE, William D. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, Jonh. **Wycliffe: Dicionário Bíblico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2017.

REIS, Emilson dos. **A Ira de Deus no Mundo dos Homens: A Outra Face do Amor Divino**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

SCHOLZ, Vilson. **Novo Testamento Interlinear: Grego-Português**. 4 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SHEDD, Russell, Philip. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1978.

VINE, William Edwy; UNGER, Merrill.; WHITE JR., William. **Dicionário VINE: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento**. 12 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

WASHER, Paul. **O Verdadeiro Evangelho**. São José dos Campos: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 2012.

WHITE, Ellen Gold. **Atos dos Apóstolos**. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, Ellen Gold. **O Desejado de Todas as Nações**. 22 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen Gold. **História da Redenção**. 11 Ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, Ellen Gold. **Mente, Caráter e Personalidade II**. 4 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, Ellen Gold. **O Grande Conflito: Acontecimentos que mudarão o seu Futuro**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

XAVIER, Érico Tadeu. Os juízos de Deus: Um estudo à luz da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. In: RIBEIRO, Emailson Braga (Org). **Diálogo Teológico: Para Pastores, Líderes e Membros de Igreja**. Maringá: Gráfica Caniatti, 2018. p. 46-56.